

A ESCOLA COMO TERRITÓRIO EM DISPUTA: ANÁLISE DE DISSERTAÇÕES DO PROFLETRAS PRODUZIDAS POR DOCENTES DA REGIÃO SUL

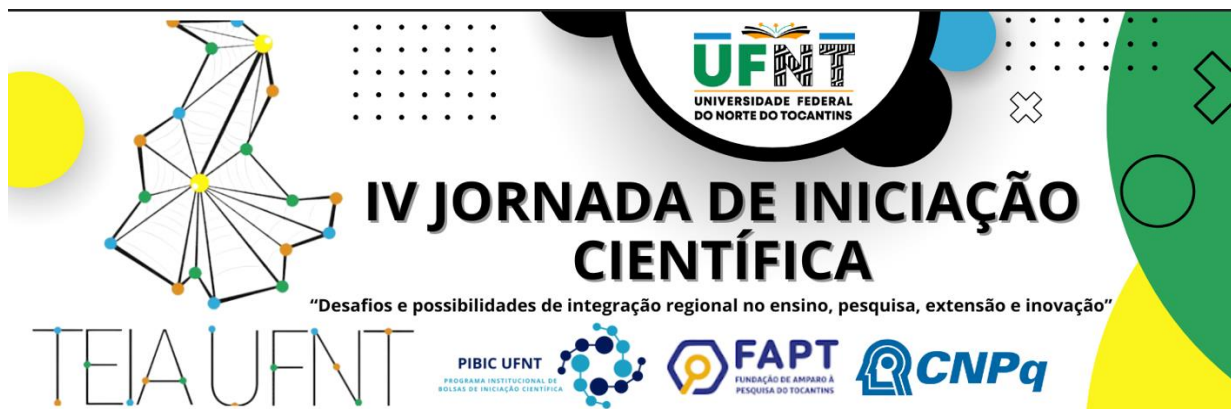
JESUS, Emylle Rayanne Sousa de ¹; **SILVA**, Luiza Helena Oliveira da ²

RESUMO

Este projeto, centrou-se na seleção e identificação de dissertações de egressos do PROFLETRAS, tendo como *corpus* 10 dissertações relativas à 10 escolas situadas na região Sul, dentre estas, 8 foram selecionadas. Buscou-se apreender, a partir das descrições dessas escolas figurativizadas pelo narrador observador, sua percepção a respeito do espaço escolar identificando nessas dissertações as caracterizações do espaço e as tensões que incidem sobre a escola compreendida sob a perspectiva de território. Seus objetivos específicos consistem em i. analisar as dissertações do PROFLETRAS considerando a presença de elementos que na escola traduzem como território; ii. identificar pelas temáticas e pela perspectiva enunciativa que assume o narrador, como o docente atualiza as tensões que incidem sobre a escola compreendida sob a perspectiva de território, espaço englobado por um espaço englobante, que pode ser determinante do ser e do fazer da escola. A metodologia configurou-se como qualitativa com uma abordagem narrativa, mobilizando categorias da figurativização, correspondente à semântica do nível discursivo e da semiótica do espaço.

1 Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC). Discente da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas. E-mail: Emylle.jesus@ufnt.edu.br

2 Doutora em Letras, Docente da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), bolsista do CNPq. E-mail: luiza.to@ufnt.edu.br



Palavras-chave: Semiótica discursiva. Escola Pública. Espaço da escola.

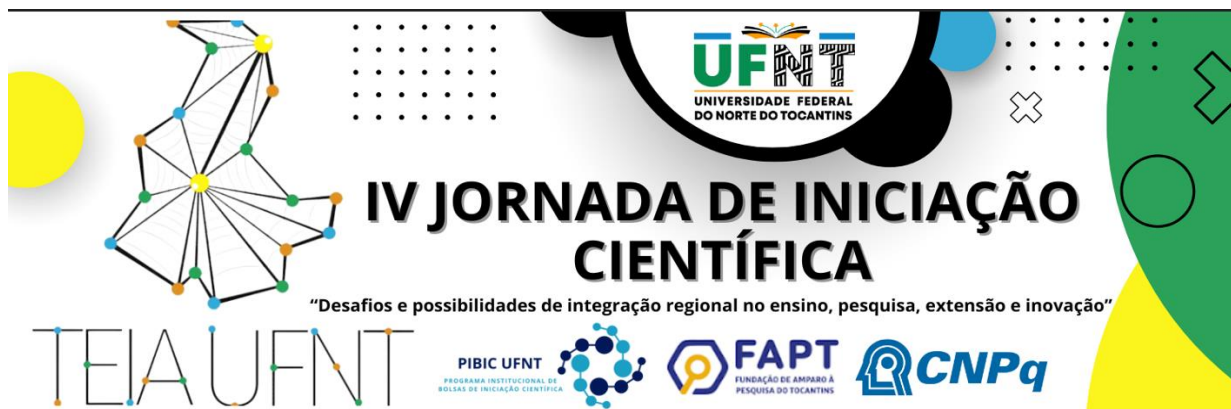
I. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

A pesquisa intitulada “A escola como território em disputa: análise de dissertações do PROFLETRAS produzidas por docentes da região Sul” vinculou-se ao projeto “Que espaço é esse, o do chão da escola? Análise semiótica de dissertações do PROFLETRAS” (CNPq/UFNT), teve como foco a análise de caracterizações de escolas públicas feitas por docentes vinculados ao PROFLETRAS nas escolas que atuam, o que os leva a caracterizá-las na seção metodológica, oferecendo elementos que permitem interpretar com base nessas descrições, imagens de escolas públicas do país. O corpus de análise constituiu-se inicialmente de dissertações relativas a 10 escolas públicas localizadas na região Sul do Brasil.

II. BASE TEÓRICA

Nesta pesquisa, mobilizamos categorias da semiótica discursiva, focalizando o conceito de figurativização (Greimas; Courtés, 2008; Bertrand, 2003), o qual encontramos na descrição dos espaços discursivizados pelos docentes. O uso exaustivo das figuras nas descrições do espaço cria os efeitos de realidade, permitindo que o enunciatário (leitor) reconheça no texto imagens das escolas em que atuam. O docente (enunciador) debreado no texto como narrador é também observador, utiliza a figurativização para enunciar a sua percepção do espaço escolar.

Além da figurativização, recorreremos a categorias da semiótica do espaço, considerando a escola como território em disputa, sua relação com o espaço

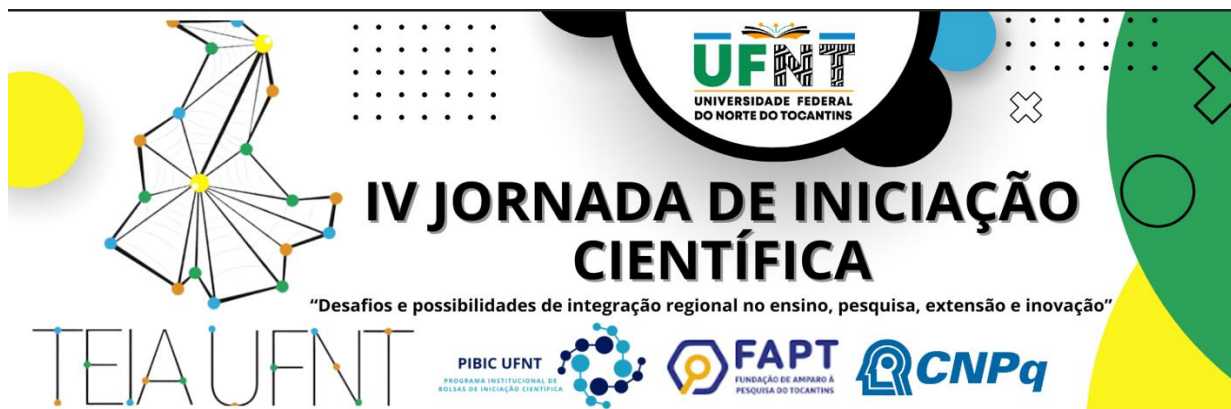


circundante e as forças que atuam sobre ela. Conforme Greimas (1976), ao discutir o espaço na narrativa, espaço tópico, este se divide dois: espaço utópico (no qual se desenvolve a performance do “herói”) e espaço paratópico (correspondente ao espaço relativo à aquisição da competência). Há ainda um espaço exterior, heterotópico, correspondente ao alhures.

Considerando as dissertações, o espaço utópico é o da sala de aula, na qual desenvolve seu projeto de intervenção. Já o espaço paratópico corresponde ao espaço acadêmico, no qual o professor amplia sua competência pela formação no nível de mestrado. Já o espaço heterotópico, corresponde ao espaço social, abrangendo a vizinhança à escola, o bairro, a cidade etc. Para nós importou pensar a escola como o descontínuo inserido no contínuo da cidade. A partir disso, concebemos essa descontinuidade como um território englobado por um território englobante, implicando movimentos, fluxos e tensões.

III. OBJETIVOS

O objetivo geral consistiu em analisar, em dissertações de um mestrado profissional em Letras produzidas por docentes que atuam em escolas da região Sul, a percepção dos professores a respeito do espaço escolar. Já os objetivos específicos foram definidos como: i. analisar as dissertações do PROFLETRAS considerando a presença de elementos que na escola traduzem como território; ii. identificar pelas temáticas e pela perspectiva enunciativa que assume o narrador, como o docente atualiza as tensões que incidem sobre a escola compreendida sob a perspectiva de território, espaço englobado por um espaço englobante, que pode ser determinante do ser e do fazer da escola.

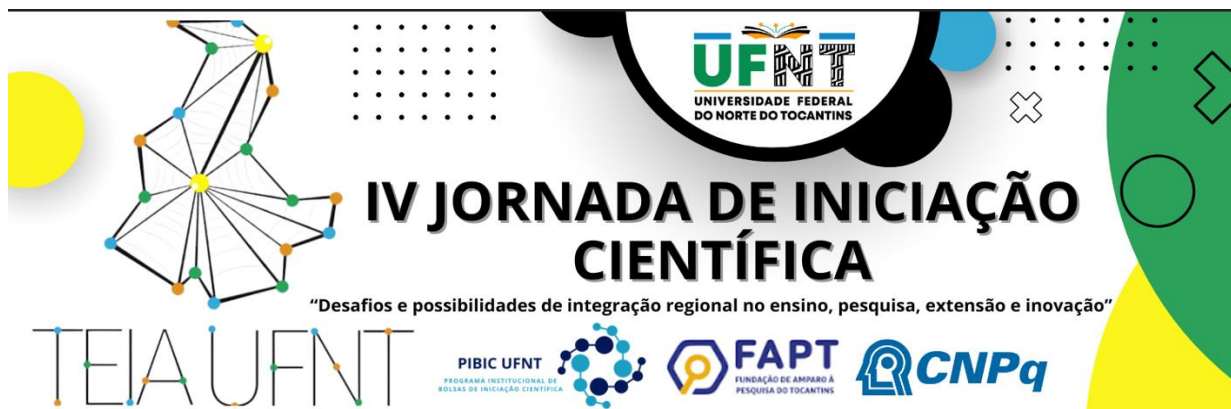


IV. METODOLOGIA

Como pesquisa de caráter documental, após uma leitura e análise preliminar o corpus foi constituído pela seleção de dissertações defendidas por egressos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), disponíveis no repositório nacional da Universidade do Rio Grande do Norte (UFRN), sede do PROFLETRAS, onde buscamos apreender caracterizações do espaço e as tensões que incidem sobre a escola compreendida sob a perspectiva de território. No que diz respeito às imagens da escola, foi necessário considerar o conceito de figurativização, situada no nível maior de concretização do sentido nos textos e que podem estar restritos a uma mera descrição, sem considerações que denotem uma leitura dessa configuração espacial no sentido de sua (in)adequação à prática pedagógica. Esses fatores foram determinantes para seleção dos objetos de análise.

V. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do corpus permitiu identificar duas perspectivas principais nos trabalhos examinados. No primeiro grupo (D1 - D4), o espaço escolar é figurativizado em estreita relação com as tensões sociais e comunitárias. As dissertações evidenciam que a escola se constitui como território em disputa, afetado tanto por precariedades estruturais quanto pela influência do espaço circundante. Santos (2019), por exemplo, aponta as dificuldades físicas da instituição, como a biblioteca desativada e as reformas realizadas pela comunidade, ao mesmo tempo em que apresenta a escola como abrigo e espaço de resistência frente a contextos violentos. Rossato (2015), por sua vez, descreve positivamente a comunidade local, marcada por forte atividade cultural, mas revela a insuficiência do espaço físico da escola, que

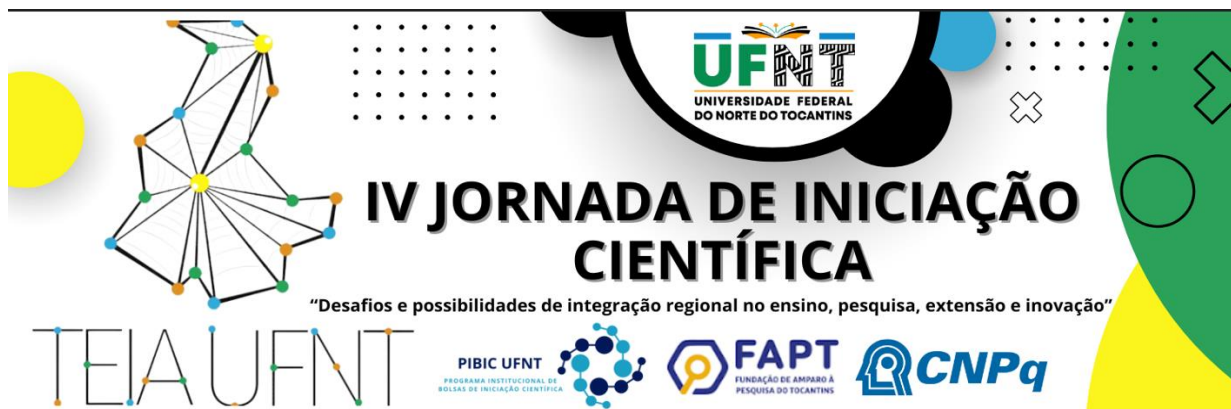


se coloca como oponente ao trabalho docente. Em Venera (2016), observa-se a realidade de uma escola periférica marcada pela rejeição social e pela precariedade estrutural; nesse cenário, a proposta de trabalho com diários e cartas possibilitou que os alunos assumissem voz ativa, denunciando as limitações do espaço escolar e reforçando seu engajamento. Já Couto (2016) evidencia a situação de uma escola de Palhoça instalada em prédio alugado, sem sede própria, o que acentua a ideia de precariedade espacial e de disputa por condições mínimas de funcionamento.

No segundo grupo (D5 - D8), constata-se uma figurativização rarefeita do espaço, em que os enunciadores pouco refletem sobre seus efeitos no processo educativo. Embora Couto (2016) destaque a precariedade do espaço e as dificuldades impostas por sua condição de escola “sem chão”, atribui ênfase positiva ao corpo docente e à relação de cumplicidade entre professores e alunos. Franz (2016) menciona a retirada de aparelhos de ar-condicionado, a falta de acessibilidade e a carência de livros na biblioteca, mas não aprofunda a análise desses problemas. Scaranto (2016) limita-se a apresentar dados gerais sobre a escola, valorizando a presença de programas governamentais sem discutir o impacto do espaço físico. Da mesma forma, Aguiar (2016) e Kersbaum (2018) apenas citam as instituições em que desenvolveram suas pesquisas, sem examinar o papel do espaço escolar, o que reforça a ausência de reflexão sobre sua influência no ensino. Em síntese, enquanto o primeiro grupo destaca a escola como lugar de conflito, mas também de potência, o segundo a reduz a um papel secundário.

VI. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreendemos no decorrer da pesquisa muitos dos insucessos no ensino se devem, pelo menos em parte, aos impactos do espaço que incide diretamente sobre



o fazer docente, mais especificamente sobre o ensino-aprendizagem. A escola é um espaço atravessado por tensões e disputas que envolvem tanto aspectos estruturais quanto simbólicos. As narrativas docentes figurativizadas nas dissertações revelam que, mesmo diante de condições adversas, a escola é concebida como território de resistência e de possibilidades de transformação. Os projetos analisados mostram a tentativa dos professores de ressignificar o espaço escolar e oferecer alternativas de formação que dialoguem com a realidade social dos alunos. Assim, a escola se apresenta como território englobado e englobante, marcado por disputas, mas também por potencialidades.

VII. REFERÊNCIAS

AGUIAR, E. O conto fantástico e as fanfictions nas aulas de Língua Portuguesa: uma experiência com a leitura e a produção de textos multimodais; Evirmacio Aguiar; orientadora, Rosângela Hammes Rodrigues – Florianópolis, SC, 2016. 276 p.

BARROS, D. L. P. Teoria semiótica do texto. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

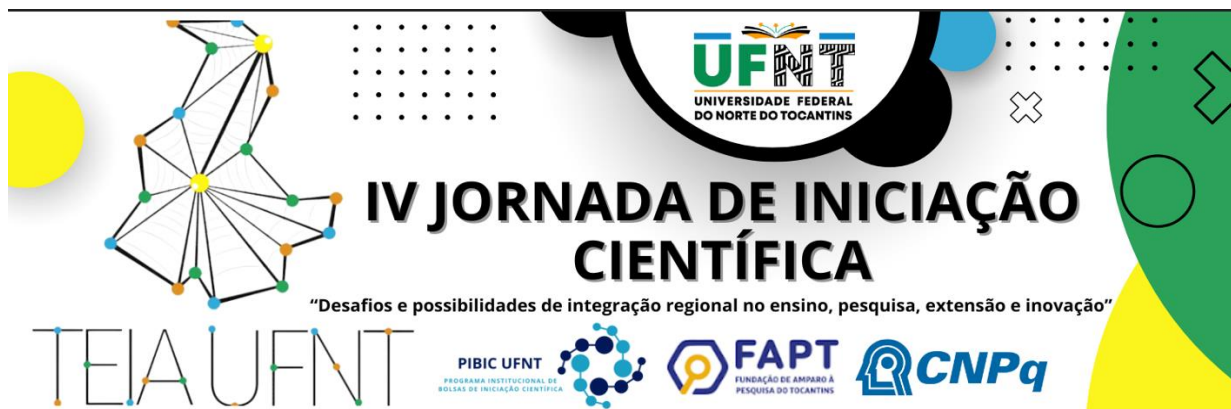
BATISTA, A. A.; CARVALHO-SILVA, H. H. Família, escola, vulnerabilidade social. São Paulo: CENPEC, 2013.

BERTRAND, D. Caminhos da semiótica literária. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

COUTO, J. C. A revisão de textos no desenvolvimento da escrita: experiência a partir da produção de um jornal escolar; Josiane Cristina Couto; orientador, Adair Bonini - Florianópolis, SC, 2016. 148 p.

FONTANILLE, J. Territoire: du lieu à la forme de vie. Actes Sémiotiques, Université de Limoges, n. 117, p. 1-12, 2014. DOI: <https://doi.org/10.25965/as.523>.

FRANZ, Cíntia. O Trabalho escolar com leitura: Apropriação de objetos culturais e formação integral dos sujeitos; Cíntia Franz; orientador, Rosângela Pedralli Florianópolis, SC, 2016. 175 p.



GREIMAS, A. J. Maupassant – la sémiotique du texte: exercices pratiques. Paris: Editions du Seuil, 1976.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. Dicionário de semiótica. Tradução: Alceu Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008. Originalmente publicado em 1993.

HAMMAD, M.; ARANGO, S. M.; KUYPER, E.; POPPE, E. O espaço do seminário. Revista EntreLetras (Araguaína), v. 7, n. 2, 2016.

KERSBAUM, K. M. M. Memórias de leitura: uma investigação sobre o processo de formação de leitores nos anos finais do Ensino Fundamental; Karin Milena de Medeiros Kersbaum; orientadora, Fernanda Muller, 2018. 128 p.

ROSSATO, C. O desenvolvimento da leitura em alunos promovidos com restrição; orientador, Rosângela Pedralli — Florianópolis – SC, 2015.

SANTOS, A. H. F. O texto literário no processo de formação humana: Uma leitura dialógica de o mercador de veneza; orientador, Celdon Fritzen, 2019.

SCARANTO, D. C. S. Escrita e Reescrita como forma de assunção e desenvolvimento de projetos de dizer de alunos do 7º ano de uma escola pública de São José: Eventos de letramento na escola; Daniela Carla Soares Scaranto; orientador, Marcos Antônio Rocha Baltar - Florianópolis, SC, 2016. 196 p.

SILVA, L. H. O.; ARAÚJO, S. Espaço e sentido: análise semiótica de dissertações de Mestrado Profissional em Letras. Heterotópica, 2024 (no prelo).

VENERA, J. R. Escrita autobiográfica e biográfica: Recriando trajetórias de vida; orientador, Celdon Fritzen — Florianópolis, SC, 2016.

VIII. AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil e da Fundação de Amparo à pesquisa – Tocantins – FAPT.